A MAIS NOBRE VINGANÇA

LÁ na Índia distante, onde melhor se processou a epopeia lusíada, acaba de consumar-se um dos maiores crimes da História: o baluarte de Paz e Civilização, há mais de quatro séculos ali implantado pela tenacidade de Portugal, ruiu em poucas dezenas de horas.

Neste momento, um homem chamado Nehru, ri — tripudiando sobre o luto de um povo respeitável; ufana-se, talvez, do *heroísmo* de que foi capaz ao invadir minúsculos territórios, apenas simbòlicamente defendidos, — enquanto as pernas lhe tremem de pavor ante a ameaça do vizinho chinês.

Ele continuará, no entanto, a pregar a Paz — e a certo mundo convirá continuar a fingir que o ouve. Mas a História há-de julgar, com igual severidade, a nefanda acção do Pandita e a inacção calculada de um Ocidente menos ingénuo do que dementado.

Nem as solicitudes tardias e inoperantes de alguns governos ocidentais, nem a sua lamurienta retórica, nem as suas débeis advertências na iminência da agressão, conseguiram derrogar a regra, com verdade generalizada, do

Continua na página 6

UMA FOLHA DE AGENDA

PRESÉPIO

ARTIGO DO DR. FREDERICO DE MOURA

FOI um Natal de circunstância e de rotina... Naquela sala carregada de pratas e damascos, atapetada de vermelho e ornamentada, profusamente, de um barroquismo banqueiro, o presépio foi deportado para o canto mais discreto e mais escuro, para que as suas palhas humildes não lograssem poluir, com uma intromissão indesejável, a riqueza maciça dos estilos. Não faria liga com o fausto do ambiente aquele estábulo humilde onde nasceria, humildemente, um menino.

Iam dispondo sobre a mesa da ceia os vinhos capitosos, iam rescendendo na baixela os manjares requintados.

Uma vedação profiláctica defendia do contacto aqueles dois mundos antagónicos... não fosse o bafo do curral preverter os perfumes delicados, ou servir de *memento* a acordar meditações auto-acusadoras na consciência dos convivas.

Sobre a brancura da toalha adamascada fervilhava o espumante em taças cristalinas a regar primores de cosinha e loucuras de paste-

Continua na página 2

Uma carta ao

Meu querido Pai Natal:

Sou uma menina com a avançadíssima idade de muitos milénios. Chamo-me — Humanidade. E, quantos mais anos decorrem, mais menina me vou tornando, mais caprichosa, mais doidivanas. Não tenho preocupação alguma com o que me possa suceder amanhã — circunstância natural em todas as meninas, qualquer que seja a sua idade.

Ora dizem-me que as minhas turbulências, fruto da minha conhecida leviandade, podem conduzir-me a grave desastre — o do próprio aniquilamento. Que brinco demasiado com jogos perigosos — repetem-me a toda a hora; mas a verdade é que eu nem sei distinguir perfeitamente os jogos perigosos dos jogos inocentes... Jogo — e é tudo.

Mas eu gostaria de continuar nos brincos para que me julgo predestinadamente talhada, sem o perigo de sucumbir ao que dizem ser os desvarios da minha vida. E, para tanto, — dizem-me também — falta-me juízo, tino, sensatez, ponderação.

Sucede que ignoro totalmente o que seja isso de ponderação, sensatez, tino, juízo. Se se trata de alguma coisa que possa comprar-se pelo preço de umas tantas guerrazitas — bem estou. É fácil: invento um qualquer pretexto, carrego num botão, ponho-me em marcha sobre um chão ensanguentado — e pronto! Mas se é preciso ficar quietinha, então o caso muda de figura: nem sei como eu possa continuar a chamar-me Humanidade, sem umas tantas mortes periódicas dos pobres diabos que me servem.

Bem, meu querido Pai Natal. O que quero pedir-te, nesta quadra de generosidades, é que me dês o tal tino, ponderação — ou lá o que é.

Mas — desculpa — creio bem que tal não caiba nas tuas possibilidades...

Contudo — aí fica o pedido.

UMA CARTA AO PAI NATAL

dos LIVROS & dos AUTORES

Homenagem ao escritor Manuel Ferreira

No passado dia 16, sábado, realizou-se, num restaurante de Águeda, um jantar de despedida oferecido ao escritor Manuel Ferreira, que regressa a Lisboa depois de, por motivos profissionais, ter permanecido naquela vila durante cerca de dois anos.

A comparência dum elevado número de pessoas — entre as quais se contavam alguns dos nomes mais relevantes do meio intelectual aveirense — constituiu prova significativa das amizades que o homenageado soube grangear. Para além da admiração justamente concitada pelo Escritor, que nos concedeu uma entrevista publicada no nosso suplemento *Væ Victis!* de Novembro passado, apraz-nos pôr em destaque o Homem compreensivo e generoso — que, por seu turno, no último sábado, bem deve ter sentido como a gente da nossa região sabe agradecer.

Em 1962 — Primeiro Centenário de «Os Miseráveis»

Celebra-se em 1962 o primeiro centenário do aparecimento a público do imortal romance «OS MISERAVEIS», de Vitor Hugo.

A publicação da obra iniciou-se em Paris, a 3 de Abril de 1862, e concluiu-se nesse mesmo ano.

O êxito alcançado com o lançamento da primeira parte de «OS MISERÁVEIS» foi de tal natureza que, nas primeiras 24 horas, se esgotaram 7000 exemplares. Nesse mesmo ano, a obra aparecia em Londres, Bruxelas, Madrid, Roterdão, Leipzig, Budapeste, Varsóvia e Rio de Janeiro. Em breve havia traduções em russo e japonês.

Na guerra franco-prussiana fizeram-se edições especiais para os soldados transportarem nas suas mochilas, e, nos fins do século, os padres holandeses liam-na e comentavam-na do púlpito aos seus fiéis.

«OS MISERÁVEIS», obra iniciada em 1845, intitulou-se, inicialmente «AS MISÉRIAS»; levou, portanto, 17 anos a completar-se. Um ano antes da sua publicação, Vítor Hugo explicava essa sua prodigiosa criação como «uma espécie de sistema planetário movendo-se em torno de uma alma gigante que é a encarnação da miséria social da época».

Este carácter de actualidade e monumentalidade é uma das razões do seu êxito e explica o entusiasmo crescente que foi ganhando não só nas camadas populares, como nas camadas cultas.

As edições em todas as línguas sucederam-se. E, ao lado das edições vulgares, belas edições de luxo, a que se encontram ligados os nomes de ilustradores famosos: Delacroix, Puvis de Chavanes, o próprio Vítor Hugo, e tantos outros. O Teatro e o Cinema deram-nos já várias adaptações a mais recente das quais, neste momento, será assinada por Claude Chabrol.

Estes factos são o testemunho da juventude de uma obra que pertence, hoje, não só ao património da Literatura Francesa, mas ao da Literatura Universal.

Coincidindo com a comemoração do centenário vai a *Editorial Estampa, L.da* lançar uma edição monumental de «OS MISERÁVEIS», que virá a preencher uma lacuna no actual mercado do livro.

A edição portuguesa, que aparecerá a público ainda este ano, numa tradução de MARIA LAMAS (e ilustrada por LIMA DE FREITAS), é, de certo modo, ainda a justificação de um êxito, e, indirectamente, uma homenagem ao escritor — de quem André Gide, interrogado sobre qual o maior poeta francês dizia: «*Hélas, Vítor Hugo!*»

A distribuição será do *Círculo do Livro, L da.*

UMA FOLHA DE AGENDA

Continuação da primeira página

PRESÉPIO

laria e os vinhos generosos tingiam os vidros de cores de maravilha e sobre a brancura do açúcar havia prodígios de modelação.

Os cristais tinham vibrações sonoras que ficavam no ar, como o ressoar dos sinos, ao serem erguidos nos brindes sucessivos.

Lá fora o Inverno...

Entretanto, no seu exílio de sombra, nascia um menino no presépio. Tinha por cama as palhas de um estábulo e por cobertor o bafo quente de dois animais domésticos.

O menino do presépio era de loiça, o burro e o boi eram de argila policromada e os pastorinhos, que subiam em cortejo, tinham os gestos, os passos e a voz petrificados no barro-modelado.

Um outro menino erguera a colina que atapetou, amorosamente, de musgo verde, sulcando-o de estradinhas de serradura e pulverizando-o de neve de algodão em rama.

Só o sonho e a fantasia aquecem e movimentam os bichos e a gente; só o condão da inocência permite ouvir o som da gaita de foles daquele rústico que sobe com os olhos fitos numa estrela.

Apesar de tudo, o menino de loiça não tirita de frio nas suas palhas, nem os pastores sentem a neve que cai daquele Inverno. Pelo contrário: o menino ssrri com uma doçura infinita e tem os olhos azuis inundados de esperança, enquanto o cortejo canta as suas loas para os ouvidos sensíveis da imaginação.

A ceia prossegue ao som metálico dos talheres e ao tilintar vibrátil dos copos. O fogão arde uma chama viva e crepitante...

Mas só os olhares da infância têm pureza para sentir a humildade do presépio e ternura para dar calor e vida ao menino de loiça que adormece na pobreza da manjedoura... enluarado de uma luz de maravilha.

Frederico de Moura

Litoral

deseja Boas-Festas
aos seus estimados
colaboradores, assinantes,
anunciantes e amigos

— Continuação da última página —

Como nasceu o Presépio

ceiro, ficou ainda muito mais rico, mas de coração. Merece, e desde há muito, apreço repleto de gratidão por parte do Patriarca da Humildade.

— Que a paz seja em vossa casa, João.

— Deus vo-la agradeça.

Enxugam-se e limpam os pés. Uma escudela de leite, à lareira, retempera, depois, os frades.

— Preciso do vosso auxílio, João — começa o *Poverello*.

— Mandai, bem sabeis.

Na resposta pronta e franca do hospedeiro, reencontra o Pai Seráfico a generosa expressão do mesmo bom terciário que lhe dera, anos atrás, o monte, lá em baixo, onde os seus discípulos construíam eremitério que se assemelha a pombal entre arvoredo.

— Preciso de um jumento...

Surpreendido, Vellita interroga:

— Pensais nalguma viagem?

Francisco afasta-se das chamas da lareira. A enfermidade dos olhos, contraída no Egipto, quatro anos antes, assanha-se com o calor.

— Não, caríssimo, apenas pensei em celebrar contigo e a boa gente das redondezas a santa noite de Natal.

Vellita, intrigado e silencioso, aguarda com dobrada curiosidade que o Patriarca da Pobreza continue. Frei Angelo, como os da casa, meninos e crescidos, que estão à volta, aumenta de atenção. Era naquela celebração que o mestre pensava quando lhe respondeu que seguiam para Gréccio? Causa surpresa, tem que reconhecê-lo. Mas, que ideia será a sua, para festejar a santa noite da Natavidade, com um boi e um jumento, e não, como é tradicional, apenas com os ofícios e cânticos litúrgicos?

— Desejaria, meu Irmão — prossegue o Apóstolo Francisco — que todos vissem e adorassem a Natividade de Belém de Judá. (Ambição desmedida? Representar o nascimento de Jesus que, até agora, só se fazia em pintura, poderá parecer, nesta época, audácia insuportável ou loucura. Não pensa deste modo João de Vellita; e, tão-pouco o julga, agora, do seu lado, frei Angelo, assim como alguns dos que assistem). Pois, João, vais-me prestar os teus valiosos serviços, uma vez mais. Conheces, claro está, aquela gruta na rocha, acima do nosso eremitério. Bem, na véspera de Natal, farás aí um estábulo com feno, uma manjedoura, um boi e um jumento.

— Como naquela maravilhosa noite, em Belém... — murmura Angelo, em êxtase.

— Assim o sonhei, Irmão. Antes de chegar ao fim, desejo pelo menos uma vez, festejar a vinda do Filho de Deus à Terra, para ver e para os que outros vejam, igualmente, quanto ele quis ser pobre, quando nasceu por amor de nós.

João anuiu, enxugando as lágrimas: — Tudo farei como mandais.

Francisco e o discípulo vão passar as duas semanas que ainda lhes restam a Fonte Colombo. Em meio do denso arvoredo, agora regougante com o açoite do vento e da chuva, o eremitério não se apresenta acolhedor para os que lá estão nem para os que chegam. Onde se viu já, porém, conforto em qualquer *luogo* dos Franciscanos?

Sem demora, envia o *Poverello*, por carta ou mensagem moral, convites às cidades e aldeias em torno, para a originalíssima, visual e enternecedora comemoração da Natividade, que, pela primeira vez, vai realizar-se nesse Dezembro de 1223.

* *

Próximo da meia-noite, as estrelas, que não tinham aparecido ainda no céu, espreitam às miríades, e, tanta luz derramam, que parecem passear pela terra. Chegam de Fonte Colombo, com o Pobrezinho na dianteira, numerosos frades, empunhando círios e brandões. De Rieti e de Poggio Bostone, vêm mais religiosos. A noite é de Jesus, nasce esperança, em todas as almas, no Redentor. Percebe-se, sente-se, na noite fria, reconfortante calor de afectos. Em Gréccio, só ficaram em casa os doentes e os herejes. Com toda a variedade de luzes, velas, candeias e archotes, subindo do vale e descendo dos lugarejos montesinos, nobres, burgueses e artesãos, cavaleiros, rústicos e pastores, almocreves e vilões, cortam carreiros e vão engrossando a multidão das estradas.

Vai renascer Jesus, e, com a gloriosa Natividade, os homens encontrarão de novo a inocência? Quando a missa começa, num cenário bíblico, que mais parece do começo do Cristianismo que do século XIII, centenas, milhares de pessoas ajoelham diante da gruta. Continuam na terra? Recuaram no tempo? Estarão longe das idades?... Todos os olhos falam emoção e espanto, todos os olhos prolongam as orações, numa súplica e numa oferta. Reza a santa missa frei Leão e Francisco serve de diácono. Admiram-se, picados de dúvida, João de Vellita e todos quantos o conhecem: a sua figura parece ter adquirido o dobro da estatura e enorme transparência. Também os corpos crescem, quando as almas sobem. Será feito de vidro ou de luar, o *Poverello*?

Canta-se o Evangelho, com unção e amor. De seguida, o irmão Pobrezinho vai postar-se diante do presépio. Que falta ali? O terciário nada esqueceu. Nas palhinhas, vê-se, também, um lindo menino de barro. Francisco ajoelha e reza. Jesus voltou a nascer, no estábulo de Belém, mas em Itália... E, quando se levanta, o Apóstolo admira Jesus Menino, levanta-o nos braços, fala e sorri-lhe, comovido. O barro animou-se, todo ele é uma flor de carne e luz. Jesus Cristo continua nos braços do mestre dos Franciscanos, a sorrir e a perdoar aos homens os seus desvios e os seus crimes.

Com palavras suaves e carinhosas, mas que trespassam os corpos e levantam a fé e a esperança, sermoneia, agora, o Apóstolo do Mundo sobre o Menino dos Mundos. Canta o Rei pobre que tem para dar aos homens riquezas que não acabam; canta o Soberano que veio dar relevo, significado e presença moral e fraternal às palavras pobreza, humildade e caridade; canta a doutrina que ilumina as sendas que vão da Terra ao Céu. Felizes dos que as não esquecem, infelizes dos que as desprezam. E, na exaltação da Natavidade, deixa Francisco nos milhares de olhos a impressão de que saboreia doce ambrósia, passando, repetidamente, a língua pelos lábios, num profundo regalo que, afinal, enraiza na sua alma de justo.

Descem lágrimas de todos os olhos, sobem gemidos de muitos peitos e saiem orações de todas as bocas. Continuam a perguntar-se onde se encontram: fora do tempo e além da terra? O Irmão da Fraternidade, com gestos de arminho, curva-se novamente sobre a manjedoura, e, pela segunda vez, levanta, vivo, sorridente, amorável, o Menino. Cai de novo por terra, maravilhada e contrita, a multidão. Estão em Gréccio, na Itália, ou em Belém, na Judeia? O pranto e as preces correm, mediterrâneo dos corações renovados, e, como na oirescente madrugada do Cristianismo, todos sabem que as asas da esperança e do resgate se abriram, misericordiosas, sobre a terra inteira.

— Noite inolvidável! — e o eco prolonga-se, vence distâncias e sobe às estrelas.

Agradecido até ao mais fundo da sua alma, o Apóstolo sorri. Ficou no seu magro rosto, parece, o sorriso do Menino. A suprema alegria é luz que se lhe entorna dos olhos. Sempre, sempre tem desejado reviver todas as horas de Jesus. Reviver o Mestre é, acima de tudo, cultuar o Mestre, na sua humanidade. Depois do Natal, um dia, e que não vem longe, reviverá, com sangue e sofrimento, a Paixão do Senhor.

— Noite de luz eterna! — dizem os frades uns para os outros.

— Noite que abençoa e ilumina os dias do presente e do futuro!

O Poeta da Pobreza, com a transfiguradora colaboração do sobrenatural, fez nascer, para o mundo católico, na adoração de um poema representado, o culto do Presépio.

Guedes de Amorim

In Revista OLIVA, n.º 10

A mais nobre vingança

Continuação da primeira página

actual regressivismo humano às leis biológicas da supremacia do mais forte. ¿E caberá, afinal, o orgulho de ser Português na vergonha de pertencermos a uma Humanidade cavernícola?

Sopram brisas de simpatia à volta dum vocábulo—autodeterminação; e desencadeiam-se tempestades de ódio contra um outro vocábulo — colonialismo. Naquele e neste cabem, todavia, os mais amplos e contraditórios significados que certas inconfessáveis ambições lhes queiram dar — são locuções ocas de sentido próprio, espécie de palavras mágicas que servem apenas à mercancia de interesses em balcões rapaces dos nossos dias; e foi certa da incrível magia desses vazios pregões que a União Indiana se afoitou à brutalidade. Aliás, tinha tudo o mais a favorecer os seus deploráveis intentos: um ambiente internacional confessadamente hostil aos portugueses de hoje, o comodismo de alguns povos, a sem-vergonha de outros, a passividade egoísta de todos — além do considerável poder material e humano da sua máquina de guerra.

E o Ocidente, pelo preço aparentemente fácil de constantes transigências, mais uma vez mostrou como está a suicidar-se com o veneno insidioso que descaradamente lhe servem...

Defendemos, até aos limites do possível, o chão legado pelos nossos maiores — e honrados são aqueles que assim tentam preservar heranças sagradas, mormente quando delas não vem proveito que não seja o do honesto brio em manter uma presença tradicionalmente civilizadora onde quer que um Destino glorioso os conduziu.

E não será esta a hora de nos ficarmos por aí a carpir desditas ou de nos postarmos na contemplação saudosa e estéril dos feitos passados: é precisamente o momento de trazer as nossas ancestrais virtudes à colação das imperativas realidades actuais — na certeza de que, onde não chega a força das armas, poderá dominar o prestígio que honradamente se alcance num digno concerto universal.

Anda o Mundo desvairado? — Pois saibamos nós mostrar-nos sensatos e coesos na Casa Lusitana, dela arredando nefastas dissenções fraternas, tudo fazendo para iluminá-la de novas e vivicantes esperanças...

...Que a mais nobre e eficaz vingança da afronta agora recebida será evitar a possibilidade futura de idênticas afrontas — temperando, na mais compreensiva e perfeita convivência interna, a vontade decidida de continuarmos a ser dignos dos nossos avós.

Pela Câmara Municipal

★ A Câmara, na sua reunião de 15 do corrente deliberou, por unanimidade e sob proposta do seu presidente, sr. Eng.° Henrique de Mascarenhas, desligar os arquitectos sr.ª D. Maria José Marques da Silva Martins e sr. David Moreira da Silva, de todas as obrigações contratuais que os ligavam ao Município aveirense, nomeadamente no que se refere à elaboração do plano de urbanização da cidade.

★ A Câmara apreciou e aprovou, provisòriamente, o orçamento municipal para o próximo ano de 1962.

As receitas ordinária, consignada e extraordinária previstas elevam-se, respectivamente, a 11.217.000$00, 502.000$00 e 8.194.000$00, totalizando, 19.913.000$00.

Para esta receita estão previstas as despesas ordinária, consignada e extraordinária, respectivamente de 10.607.300$00, 502.000$00 e 8.803.700$00 que no seu conjunto igualam o total da receita, ou seja 19.913.000$00.

Inauguração de variantes na Estrada Nacional n.° 1 dentro do Distrito de Aveiro

Na passada quinta-feira, pelas 15 horas, foram oficialmente inauguradas as variantes de Albergaria, Marnel, Mourisca e Landiosa, na Estrada Nacional n.° 1 (de Lisboa ao Porto).

Para presidir à cerimónia à cerimónia inaugural, deslocou-se a Aveiro o Presidente da Junta Autónoma de Estradas, sr. General Flávio dos Santos; estiveram ainda presentes o Governador Civil do Distrito, sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, e as autoridades administrativas dos concelhos de Albergaria-a-Velha e Agueda.

O investimento feito neste conjunto de importantes realizações rodoviárias ascende a dezoito mil contos.

Conservatório Regional de Aveiro

Época de Concertos para os Sócios

O Conservatório Regional de Aveiro promove uma série de Concertos para os seus sócios, com início, provàvelmente, em Janeiro próximo. Desde já anuncia que, do programa, consta a vinda a Aveiro de duas orquestras de câmara, em data a fixar oportunamente.

O Conservatório espera que a iniciativa seja por todos recebida com o maior interesse.

Dentro de algum tempo serão dados mais esclarecimentos, e, na Secretaria do Liceu Nacional, serão dadas informações quanto às inscrições para novos sócios do Conservatório.

Pela Capitania

Movimento marítimo

★ Em 15, vindo de Setúbal, com 80 toneladas de cimento, demandou a barra o galeão a motor *Praia da Saúde*.

★ Em 16, procedentes de Lisboa, entraram a barra o navio-tanque *Sacor* e o navio motor *António Pascoal*, o primeiro com gasolina pesada e o segundo com óleo de fígado de bacalhau, e saiu para o Porto, lastro, o galeão a motor *Praia da Saúde*.

★ Em 17, depois descarregado, saiu, com destino a Lisboa, o navio-tanque *Sacor*.

Distribuição de enxovais

No dia 6 do próximo mês de Janeiro, pelas 11 horas, proceder-se-á, na sede da «Gota de Leite», à Rua de José Estêvão, à distribuição de 100 enxovais a crianças pobres inscritas naquela instituição de assistência.

Qualquer benfeitor ou sócio contribuinte pode, querendo, assistir à referida distribuição.

O 35.° Aniversário da «Náutica» do Galitos

Como aqui já tivemos ensejo de referir, a Direcção da prestigiosa Secção Náutica do Clube dos Galitos promove na próxima quarta-feira, 27, uma sessão solene comemorativa do seu 35.° aniversário.

Na aludida sessão, marcada para as 21.30 horas daquele dia, no salão nobre da sede do Clube dos Galitos, será prestada homenagem a alguns sócios e dedicados amigos da Secção Náutica.

Foi-nos gentilmente cedida pela revista O PEJÃO a gravura do expressivo desenho, de autoria de Júlio Resende, que o LITORAL publica na terceira página do presente número.

Carta de Lisboa

alinhavos

por GONÇALO NUNO

AQUI na minha rua, quase em frente da minha porta, há um florista modesto, vindo lá das bandas de Penafiel e a quem o negócio não deve estar a correr nada mal. E tem lindas flores, isso é que é verdade.

Mas agora, com a quadra rendosa do Natal, o homenzinho perdeu de todo a cabeça e, no jeito da moda actual, vá de pratear ramos de nespereira, dourar palmeiras e ficus, e indo mesmo ao exagero de pratear hortenses. Que estranha euforia!

Tudo aquilo perdeu o habitual e atraente ar duma loja de flores para se assemelhar à encenação duma revista medíocre de Parque Mayer, em que as plumas e penachos refulgentes abundam sempre onde o talento escasseia. E eu só estava à espera de o ver agarrar-se aos ramos de pinheiro e vá de os pincelar também a púrpura. Seria o cúmulo da farsa...

NA página regional do Diário de Notícias *de há dias, uma fotografia da Costa Nova atraíu-me a atenção e fui ler. Fiquei assim a saber que há já um plano de urbanização para a nossa tão abandonada Barra; que se pensa levar o abastecimento de água canalizada às duas praias; que a Costa Nova irá ter uma piscina. Tudo notícias de regozijar, não há dúvida.*

As possibilidades de expansão que a Barra oferece são inequívocas e há, portanto, que disciplinar quanto antes o seu crescimento para evitar as deformidades e a anarquia, disciplina essa que terá que observar-se com sensatez e sob imensos aspectos. O problema do abastecimento de água é fundamental, sabendo-se que actualmente ela é puxada do subsolo para onde dão os sumidouros de todas as fossas, muitas delas sem obedecerem aos preceitos impostos pelos regulamentos de saúde. Uma análise bacteriológica séria fàcilmente evidenciaria o inquinamento do lençol de água de que a Barra se serve.

Quanto à piscina na Costa Nova, é problema do tempo presente. Está na moda as praias terem piscinas e, porconseguinte, a Costa Nova quere estar na moda. Está certo, até porque usando os frequentadores da Casta Nova o banho na Ria, é de todos sabido em que condições se toma esse banho na maré vazante. No entanto, parece-nos que outros problemas de sanidade mais prementes deviam ser encarados antes daquele e, depois deles resolvidos, lá viria então a piscina como remate de toda uma problemática de higiene. E faço ponto neste alinhavo...

ABRE amanhã a II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. Tal como quando da I Exposição, é enorme a expectativa à volta do acontecimento com que a Fundação nos vai presentear na quadra natalícia. São horas de deleite que ali vamos viver, são consagrações que virão para os títulos dos jornais, são auréolas que vão cintilar, talvez pela primeira vez, sobre alguns nomes. Que talentos novos se afirmarão? Que surpresas iremos ter? Quem alcançará os tão cubiçados prémios? Tudo são incógnitas, tudo é expectativa. Mas vai ser um acontecimento, temos a certeza.

DE tudo o que o Natal tem de tocante, talvez o que este ano me badala mais cá dentro é saber que na Alemanha Ocidental, ao longo de toda a fronteira com a Alemanha Oriental, numa extensão de 1 300 quilómetros, serão armadas árvores de Natal iluminadas, num aceno fraterno e saudoso aos que estão do lado de lá. Para além das ideologias que se enfrentam e das mentalidades que os separam, o que me impressiona e me toca é a beleza do gesto, é o sentido de fraternidade que iluminará essa noite de Natal. E eu, que não tenho árvore de Natal em casa, imagino nos meus olhos o maravilhoso desses milhares de árvores de Natal resplandecendo na noite escura por sobre montes e vales a querer abraçar todo um povo. Que belo!

O homenzinho não resistiu. O tal florista da minha rua, quase em frente da minha porta, na sua febre ou fúria de pintura, acabou por se atirar também aos pinheiros. E lá estão à porta, um de cada lado, purpurados, ridículos, falsos. Cumpriu-se a farsa. Tenho pena!

Lisboa 17 de Dezembro de 1961

NATAL

POESIA DE

ALICE DE AZEVEDO

Natal!
História comovente
Duma Estrela, sem par,
Que há dois milénios, milagrosamente,
Lá nos céus de Belém quis despontar!...

Estrela transcendente, abençoada Flor,
Mal entreabriu as pétalas de luz
Derramou sobre as trevas do Universo
A intensa claridade
Dum incomensurável mar de esperança,
De compreensão, de amor, de caridade!

Porém, destino inglório em sua vil descrença,
O mundo ingrato e vário
Traçou na refulgência dessa luz
A sombra tormentosa duma cruz,
O perfil tenebroso de um calvário!

Mas, Deus louvado, mesmo após o drama
— O mais cruel da cega humanidade —
Essa Estrela de amor, com seu clarão profundo,
Ficou ainda a ungir, a iluminar o mundo,
Por toda a Eternidade!

Patriótica Manifestação de Protesto

Na noite de quarta-feira, 20, Aveiro esteve presente, com as populações dos concelhos vizinhos de Ílhavo e Vagos, na Praça da República, para testemunhar, frente ao edifício dos Paços do Concelho, a sua repulsa pela inqualificável violação dos territórios portugueses do Estado da Índia.

As autoridades civis, militares e religiosas, e agremiações, com os seus estandartes, ali se encontravam também, unidos no mesmo sentimento patriótico.

Duma das varandas do edifício municipal, falaram à multidão: Carlos Alberto Oliveira da Fonseca, aluno do 6.º ano do nosso Liceu, que interpretou o sentir dos filiados da Mocidade Portuguesa; pelas raparigas de Aveiro, a aluna finalista da Escola do Magistério Primário Aldina Martins Pereira; o moçambicano, estudante do 7.º ano do Liceu de Aveiro, Carlos Alberto Mateus de Lima; pelo povo aveirense — o comerciante sr. Carlos Manuel Gamelas e o advogado sr. Dr. Luís Regala; os srs. Tenente-coronel Evangelista Barreto e Coronel Vasconcelos e Sá, comandantes, respectivamente, do Regimento de Infantaria 10 e da Base Aérea 7, de S. Jacinto; o Rev.º Padre António Resende, sacerdote; e, a encerrar, o Presidente do Município aveirense, sr. Eng.º Henrique de Mascarenhas.

No começo e no final da sentida manifestação, foi cantada, em coro vibrante, *A Portuguesa*.

A multidão dirigiu-se, em seguida, em romagem silenciosa, até junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra, entoando ali novamente o Hino Nacional.

Regime de abertura e encerramentos dos estabelecimentos comerciais na véspera do Natal

Da Direcção do Grémio do Comércio de Aveiro recebemos, com pedido de publicação, o seguinte aviso:

Esclarece-se, para os devidos efeitos, que os estabelecimentos comerciais podem manter-se abertos no próximo domingo, dia 24 (véspera do Natal), das 14 às 20 horas.

O pessoal empregado receberá desse trabalho cem por cento de aumento, devendo-lhe ser concedido, como compensação, o descanso nos dias 26 ou 27.

Os interessados deverão comunicar, prèviamente, à Delegação do I. N. T. P., quais os empregados que estarão ao serviço, indicando o dia em que lhes será concedido o descanso como compensação.

Notícias Militares

Coronel José Rodrigues Ricardo

Teve a penhorante deferência de apresentar cumprimentos de despedida ao *Litoral* o sr. Coronel José Rodrigues Ricardo, que há dias deixou o comando da Guarnicão Militar de Aveiro e do Regimento de Infantaria 10, depois de cerca de dois anos de permanência na nossa cidade, por ter sido colocado em Lisboa, na Direcção da Arma de Infantaria.

Tenente-Coronel Evangelista Barreto

Assumiu o comando do Regimento de Infantaria 10 o sr. Tenente-coronel Evangelista de Oliveira Barreto, que teve a amabilidade de nos enviar cumprimentos de saudação.

Grato pelas gentilezas dos dois distintos oficiais, o Litoral *cumprimenta-os, respeitosamente*

Louvores a Militares Aveirenses em Serviço em Angola

É-nos muito grato poder tornar do conhecimento público dois expressivos e merecidos louvores que, nas respectivas datas, foram concedidos à 4.ª Companhia de Caçadores Especiais, constituída por oficiais, sargentos e praças do Regimento de Infantaria 10, de Aveiro, que se batem em Angola, em defesa do património nacional.

LOUVOR

Louvo a 4.ª Companhia de Caçadores Especiais, porque, no cumprimento de todas as missões que lhe têm sido superiormente ordenadas, algumas em circunstâncias particularmente difíceis, por se verificarem em áreas afectadas por rebeldes que tem determinado muitas vezes arriscadas acções de combate, provou ser subunidade muito equilibrada cheia de elevado moral, espírito de sacrifício e vontade de bem cumprir.

Indistintamente, oficiais, sargentos e praças têm-se empenhado no cumprimento do dever, por forma absolutamente notável, o que tem sido objecto de referências altamente elogiosas da parte dos orgãos civis de informação pública, o que muito tem contribuido para elevar o prestígio do Exército.

(O. S. n.º 35 de Junho de 1961 do Comando Militar de Angola)

Luanda, 5 de Junho de 1961

O Comandante Militar

General Monteiro Libório

LOUVOR

Louvo a Companhia de Caçadores Especiais N.º 63, desembarcada nesta Província em Junho de 1960 e constituindo a 4.ª C. C. E. do Regimento de Infantaria de Luanda, por, logo de início, ter revelado ser uma unidade de élite, na qual repousou em boa parte a segurança da cidade de Luanda.

Quando da sublevação da baixa de Cassange, foi sobre esta unidade que recaiu o máximo do esforço então exigido às tropas incumbidas de a debelar, o que esta Companhia conseguiu plenamente, demonstrando os seus quadros e as suas praças notável compreensão da melhor forma de actuar, conseguindo em pouco mais de um mês castigar os bandos de terroristas responsáveis pela sublevação e, simultâneamente, por uma acção psicológica excelentemente conduzida, terminar a pacificação da vasta área à sua responsabilidade. A acção da Companhia é tanto mais de destacar e apreciar quanto é certo que se processou em plena épocas das chuvas, em terrenos onde a progressão se revelou dificílima exigindo esforços tremendos ao seu pessoal, a que ele se não poupou, honrando a unidade e tornando-a credora do prestígio de que goza entre as populações nativas e europeias das áreas em que actuou. Terminada a «Operação Cassange», a Companhia, regressada a Luanda, foi sendo incumbida de missões delicadas em várias áreas, das quais se destacam uma operação de limpeza na região de Negage, escoltas armadas a várias regiões, patrulhas permanentes da região periférica de Luanda e defesa da vila de Catete, de todas estas missões saindo cada vez mais prestigiada a unidade e, consequentemente, as forças em operações nesta Província, entre as quais esta Companhia merece lugar destacado e de relevo.

(O. S. n.º 74, de 20 de Outubro de 1961 do Comando Militar de Angola)

Luanda, 21 de Outubro de 1961

O Comandante Militar

General Silva Freire

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	MODERNA
Domingo	A L A
2.ª feira	M. CALADO
3.ª feira	AVEIRENSE
4.ª feira	SAÚDE
5.ª feira	OUDINOT
6.ª feira	MOURA

Festas da Quadra de Natal

★ **Da «Sacor»**

Um aspecto da festa de Natal da « SACOR »

Pelas 16 horas de sábado findo, no Teatro Aveirense, a *Sacor* promoveu uma interessante festa de Natal dedicada aos empregados e operários do seu parque de Aveiro, e respectivas famílias.

Realizou-se uma sessão cinematográfica, preenchida com a exibição de películas de desenhos animados. A anteceder a sessão, usou da palavra o sr. Eng.º António Malheiro Sarmento, Superintendente do Parque da *Sacor* em Aveiro, que relevou o facto de ser aquela a primeira festa natalícia organizada pela *Sacor* para o seu pessoal desta zona.

Após a projecção dos filmes, foi servida uma merenda e distribuiram-se brindes de utilidade (livros, calçado e roupas) e brinquedos pelos filhos dos empregados e operários da *Sacor*.

★ **Da Companhia Portuguesa de Celulose**

Com a presença do venerando Bispo de Aveiro, Reitor do Liceu e outros convidados, realizou-se, no passado dia 16, mais uma festa de confraternização do pessoal da Celulose com os seus dirigentes, entre os quais destacamos o sr. Eng.º Galamba de Oliveira, em representação do Conselho de Administração da mesma empresa.

Apraz-nos registar, para além do aspecto altruístico e social, o ambiente de sã intimidade de que esta festa se revestiu. Importa referir esta circunstância, uma vez que todos os números do programa (excepto o dos palhaços) foram levados a efeito por pessoal da fábrica, numa inequívoca afirmação de capacidade realizadora e nível artístico.

Este interesse dos colaboradores mais próximos de patentearem as suas qualidades de trabalho, de contribuirem para o êxito da festa — que é de todos e para todos — com o seu sacrifício e boa vontade, é assaz dignificante. Bem hajam por tudo pois não é sem muito e penoso trabalho que se ensaia um orfeão infantil, se leva à cena uma fantasia e se põe a bailar em danças regionais uma dezena de crianças.

A Comissão foi eficiente e está de parabéns, como o estão também os colaboradores de que a mesma se fez rodear. E para que lhes sejam prestadas as devidas honras, aqui vão os nomes de alguns dos mais destacados trabalhadores da festa: Anselmo Resende — que ensaiou e dirigiu o orfeão; Bartolomeu Conde — realizador, produtor e intérprete da rábula representada; José da Silva — coreógrafo do espectáculo; Alberto Macedo e Cunha Pisco — que pintaram os cenários; Odemiro Soares — que decorou a exposição de trabalhos; e José Morais — o homem do presépio maravilhoso.

Mas como quase todos, directa ou indirectamente, deram o seu contributo para o êxito desta reunião, aqui deixamos o nosso aceno de simpatia.

Oxalá se mantenha sempre bem alto o espírito de Natal que une o pessoal da Celulose nestas festas; oxalá também nunca se quebre a continuidade destas magníficas reuniões, tão ricas de significado cristão e social.

J. M.

★ **Do Cine-Clube de Aveiro**

Anteontem, pelas 16 horas, o Cine-Clube de Aveiro dedicou uma sessão de cinema aos filhos dos seus associados e, igualmente, aos filhos dos sócios do Clube dos Galitos — em retribuição das deferências que esta colectividade tem dispensado ao Cine-Clube, cedendo-lhe o seu salão de festas para as sessões infantis que têm vindo a realizar-se ùltimamente.

Durante a sessão — a festa de Natal do Cine-Clube — foram apresentados o belíssimo documentário francês «O Balão Vermelho», de Albert Lamorisse, e o célebre filme «Festival de Charlot».

★ **Dos Estabelecimentos «Oliva»**

Na agência de Aveiro da «Oliva», teve lugar, ontem, pelas 10 horas da manhã, uma festa de Natal, que reuniu a presença de diversos funcionários superiores daquela importante firma do nosso Distrito e de várias entidades aveirenses.

Foram distribuidos, pelas crianças pobres da cidade, brinquedos e peças de vestuário.

★ **Noutras empresas**

Atendendo ao actual momento de inquietação e de luto que o País atravessa, as conhecidas Fábricas Aleluia e Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos não promovem, este ano, as suas já tradicionais festas de Natal.

Em ambas as empresas, no entanto, as respectivas direcções não se olvidaram dos filhos dos seus empregados e operários — e por eles distribuiram peças de vestuário e brinquedos, que lhes enviaram já por intermédio de seus pais.

Trata-se de uma nota simpática e comovente, que nos apraz registar nas nossas colunas.

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª publicação

Faz-se saber que no dia 15 de Janeiro próximo, pelas 14 horas, à porta do Tribunal Judicial desta Comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública dos bens abaixo indicados, pelo maior preço que lhes for oferecido acima do indicado:

BENS A PRACEAR

O direito e acção a metade de uma marinha de sal denominada «Rombada», sita na Coutada, freguesia de Ilhavo, inscrita na matriz sob o art.º 10 102, que vai à praça por noventa e cinco mil e e quarenta escudos.

O direito e accão a metade de uma casa e quintal sita na Rua da Lagoa, freguesia de Ilhavo, inscrita na matriz sob o art.º 254, que vai à praça por três mil trezentos e sessenta escudos.

O direito e acção a metade de uma propriedade composta de uma casa e quintal sita na Rua do Casal, freguesia de Ilhavo, inscrita na matriz sob o art.º 280, que vai à praça por oito mil seiscentos e quarenta escudos.

Todos estes bens se encontram penhorados nos autos de execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional move contra Duarte Pinho, residente em Ilhavo.

São também citados os credores incertos e desconhecidos do executado referido Duarte Pinho, comerciante, de Ilhavo, para deduzirem, querendo, os seus direitos na execução referida.

Aveiro, 15 de Dezembro de 1961

O Juiz de Direito

Francisco Xavier de Morais Sarmento

O Chefe de Secção,

Américo Casquilho de Faria

Litoral — Aveiro, 23-XII-1961 — N.º 374

cartões de visita

FAZEM ANOS

Hoje, 23 — A sr.ª D. Maria Helena Ferreira Henriques, esposa do sr. Dr. Joaquim Henriques; os srs. José Augusto Farias Longo e António dos Reis Vinagrs, filho do sr. António Gonçalves Pinho Vinagre; e a menina Maria Helena Jesus da Cunha, filha do sr. António Cunha.

Amanhã, 24 — As sr.as D. Natália Barbosa de Magalhães, e D. Olinda de Jesus Marques, residente em Lourenço Marques (Moçambique); os srs. Dr. Francisco Ferreira Neves, Arq.to Lúcio António Guimarães Estrela Santos, filho do sr. Arnaldo Estrela Santos, Sargento Agostinho Tavares, Manuel dos Santos França e Fernando de Pinho Vinagre; a menina Maria Teresa da Cunha Loura, filha do sr. Manuel Marques Dias da Loura; e o menino Vítor Manuel Moreira da Silva Gomes, filho do sr. Jeremias Gomes da Conceição.

Em 25 — A sr.ª D. Natália da Silva Calmão; os srs. Dr. Mário Duarte, Embaixador de Portugal no México, João Marques Mendes Naia, aveirense tripulante da Marinha Mercante, e Ricardo André Ferreira Nunes, empregado de «A Lusitânia»; a menina Natália de Oliveira Lemos, filha do sr. Abel de Oliveira Lemos; e o menino Luís Manuel dos Reis Vinagre, filho do sr. António Gonçalves Pinho Vinagre.

Em 26 — A menina Aldina Maria Dias Melo, filha do sr. Mannel dos Santos Melo.

Em 27 — As sr.as D. Otília Tavares Pericão Seixas, esposa do sr. Raul Seixas, D. Dolores Pereira Ré, esposa do sr. João dos Santos Ré, D. Eugénia Rodrigues Lopes Nogueira, esposa do sr. Fausto Lopes Nogueira, residentes no Funchal, e D. Angelina de Vilhena Ribeiro; os srs. Dr. Urbano Dias Dinis, Capitão António de Almeida, Professor Manuel Estudante, Alberto Ferreira Barbosa, José Sarabando Vinagre, filho do sr. Manuel Eugénio Moreira Vinagre, Albino Roque, residente em Luanda (Angola), e Jaime Ferreira da Silva Martins.

Em 28 — A sr.ª D. Eulália Pinho Ferreira da Maia, esposa do sr. Fernando Ferreira da Maia; os srs. Henrique Ramos, Dr. Américo da Silva Matos, Fernando Joaquim da Rocha, Eurico Tavares Correia, e Nelson Mónica Modesto, filho do sr. Ernesto Freitas Modesto; e o menino Pedro José Rocha Pereira Campos, filho do saudoso Ricardo Pereira Campos Júnior.

Em 29 — As sr.as D. Benedita Vieira Decrook, ausente em Luanda (Angola), D. Isolina Dias Rodrigues Leitão, esposa do nosso distinto colaborador Dr. Humberto Leitão, D. Maria das Dores Tavares, esposa do sr. Darlindo Tavares, e D. Maria Cacilda dos Santos Silva; e o sr. Duarte Augusto Duarte.

CASAMENTO

Na igreja matriz de Águeda, celebrou-se, no pretérito sábado, o casamento da sr.ª D. Maria Luísa Amaro de Melo de Figeiredo, filha da sr.ª D. Emília da Silva Amaro, e do sr. Agnelo Simões Amaro, com o nosso conterrâneo sr. Manuel Pompeu da Loura Melo de Figueiredo, filho da sr.ª D. Maria da Apresentação Loura de Melo de Figueiredo e do sr. Pompeu Melo de Figueiredo.

Foi oficiante o Rev.º Padre António Augusto de Oliveira, tendo servido de padrinhos: pela noiva, sua irmã, sr.ª D. Maria Alice da Silva Amaro Oliveira, representada na cerimónia pela sua irmã sr.ª D. Maria Manuela da Silva Amaro, e seu tio, sr. Eduardo de Pinho Amaro; e, pelo noivo, sua tia, sr.ª D. Maria Rosa de Melo de Oliveira, e seu tio e padrinho, sr. Manuel Rodrigues Casimiro.

Ao novo lar, desejamos as melhores felicidades

NASCIMENTO

No dia 15 do corrente, nasceu o primeiro filhinho ao casal da sr.ª D. Maria da Anunciação Moreira Fortes e do sr. João Eugénio Coelho Fortes, empregado do Banco Regional de Aveiro.

Os nossos parabéns

DOENTES

✱ Foi há dias operado, na Casa de Saúde da Vera-Cruz, o sr. Manuel da Silva Neto.

✱ Após prolongada doença, já sai de casa o sr. Manuel dos Reis Baptista, Agente em Aveiro do Banco de Portugal.

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

Concurso Para Aspirantes Estagiários

Está aberto concurso perante a Administração-Geral da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência para admissão de aspirantes estagiários.

Serão admitidos os indivíduos do sexo masculino com idade não inferior a 21 anos completos nem superior a 30 já completos na data do encerramento do concurso — 26 de Janeiro próximo, inclusive que comprovarem encontrar-se habilitados com, pelo menos, o exame do Curso Geral dos Liceus (6.º ano da organização anterior ou o 5.º ano da actual). Curso Complementar de Comércio ou o Curso Geral do Comércio. Desde que as habilitações dos candidatos sejam de natureza diversa das especificadas, deverá ser comprovada a equivalência mediante certidão passada pelo Ministério da Educação Nacional.

Nos requerimentos, em papel selado, a solicitar a admissão, manuscritos pelos próprios, os candidatos deverão indicar o nome completo, idade, estado civil, filiação naturalidade, número do bilhete de identidade, Arquivo e data, residência e a localidade em que pretendem prestar as provas, entre as seguintes: Lisboa, Porto, Coimbra, Funchal, Angra do Heroísmo, Horta e Ponta Delgada.

Só serão considerados os requerimentos em papel selado que derem entrada na Secretaria da Administração desta Caixa — Largo do Calhariz, em Lisboa —, até 26 de Janeiro próximo, inclusive, acompanhados dos documentos seguintes:

1) — Certidão do registo de nascimento; 2) — Documento comprovativo das habilitações exigidas; 3) — Documento por onde provem ter cumprido os preceitos da lei do recrutamento militar se a ela estiverem sujeitos; 4) — Declaração nos termos do art.º 1.º do decreto n.º 27 003, de 14 de Setembro de 1936, prestada em papel selado e com a assinatura reconhecida; 5) — Declaração sobre associações secretas, prestada no modelo 5 da Imprensa Nacional, com estampilha fiscal de 5$00 inutilizada pela assinatura do próprio, reconhecida por notário.

As provas, que consistirão na resolução de problemas de aritmética, na redacção de um ponto escrito sobre qualquer assunto de serviço e, sempre que possível, em uma prova de dactilografia, serão prestados nas localidades atrás mencionadas em locais e dias que oportunamente serão anunciados.

JUNTA DISTRITAL DE AVEIRO

EDITAL

Venda de lotes de terreno

António Rodrigues, *Licenciado em Direito e Presidente da Junta Distrital de Aveiro:*

Faz saber que a Junta Distrital, na reunião ordinária de 14 do mês em curso, deliberou que no dia 25 de Janeiro próximo, pelas catorze horas, sejam postos em praça, na Sala das Reuniões deste Corpo Administrativo, cinco lotes de terreno na Rua do Eng.º Oudinot, um com a área aproximada de 500 m² e os restantes com 300 m², cada, ao preço base de 130$00 por m².

A planta com a indicação dos lotes e as condições gerais e especiais da alienação, aprovadas pela Junta Distrital em reunião ordinária de 14 de Dezembro do ano em curso, encontram-se patentes, desde já, na Secretaria deste Corpo Administrativo, onde poderão ser consultadas pelos interessados em todos os dias úteis e nas horas normais de expediente.

Para constar se publicou o presente edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume.

E eu, *Alfredo José Alves Rodrigues*, Chefe da Secretaria o subscrevi.

Aveiro, 15 de Dezembro de 1961

O Presidente da Junta,

Dr. António Rodrigues

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Pelo 1.º Juízo de Direito da Comarca de Aveiro e 2.ª Secção de Processos, correm seus termos uns autos de acção especial de divisão de cousa comum, em que são partes: como autores, Dr. Eduardo Vaz Craveiro e esposa, D. Edmea Gomes Craveiro, e RR. Dr. Vitor Manuel Machado Gomes e esposa, D. Felicidade Guerra Mano Gomes, o primeiro médico e ela dona de casa e o segundo advogado e ela também dona de casa e todos residentes em Ílhavo, e, nos mesmos autos, foi designado o dia *10 de Janeiro próximo, pelas 11 horas*, para arrematação, em 1.ª praça e à porta do Tribunal Judicial desta Comarca, para ser vendido pela maior oferta que se conseguir acima do seu valor matricial de *163 740$00*, o seguinte — *prédio* — MARINHA de sal denominada «ACHADA», sita na Ria de Aveiro, freguesia da Glória, que confronta do Norte e o Poente com Esteiro do Paraíso, Sul com Esteiro da Bearada, Nascente com Marinha da Corte das Freiras, inscrito na matriz no art.º 2 656 e não descrita na Conservatória.

Aveiro, 7 de Dezembro de 1961

O Chefe da 2.ª Secção,

João Alves

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Vila Nova

Litoral ★ 23-XII-1961 ★ N.º 374

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Faz-se saber que pelo 2.º Juízo, 1.ª Secção, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando, os interessados incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, deduzirem a oposição que tiverem por conveniente nos autos de justificação judicial que o Ajudante do Procurador da República nesta Comarca de Aveiro move contra incertos e na qual pede o reconhecimento de propriedade a favor de Rosa do Carmo, que foi de Sarrazola, do prédio de assento de casas e quintal sita na Rua da Ribeira, em Sarrazola, inscrita na matriz sob o art.º 650 e descrita na Conservatória sob o n.º 24049, a folhas 93 do Livro B 65, conforme tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra patente na Secretaria.

Aveiro, 30 de Novembro de 1961

O Juiz de Direito,

Francisco Xavier de Morais Sarmento

O Chefe de Secção,

Américo Casquilho de Faria

Litoral ★ Aveiro, 23-XII-1961 ★ N.º 374

Noite de Natal

Continuação da última página

Não conhecia ninguém. As pessoas que passavam por ele na rua, gentes faladoras, impacientes, entusiásticas, sobraçavam embrulhos, e rumavam às lojas, aos armazéns, a fazer as derradeiras compras. Mas Custódio sorria, envolto na onda de compreensão colectiva que pairava sobre os corações. Também ele teria o seu Natal. Ia tratar disso.

Numa cidade de tantos milhares de habitantes, tantas centenas de divertimentos, não lhe seria difícil encontrar o seu Natal. Ia procurá-lo, animado da confiança que lhe emprestavam o fato domingueiro, o lenço imaculado, a carteira cheia de notas.

Mas já os pés se lhe moviam a custo, depois de medirem quilómetros de ruas e avenidas de onde desaparecia, engolfado pelas casas, o formigueiro das gentes pululantes, e ainda Custódio buscava um rumo, lutando contra a ameaça do desencontro com o seu Natal. As raras pessoas com quem agora cruzava, deixavam-lhe nas narinas um bafo quente de animação e conforto, e ele, por contraste, começava a sentir-se abandonado e só.

Como um sonâmbulo entrava e saía de lojas a transbordar, de restaurantes com as mesas reservadas para a ceia de Natal. Por vezes quedava junto a montras, ficando a observar os presépios, os meninos, os reis e os pastores. Mas uma barreira imensa o separava deles, tornando-os inatingíveis. E, embora desesperado, não podia abandonar a sua procura, não podia resistir à atracção abismal do sofrimento que se provoca, e se alimenta, e se exacerba. Começava, no entanto, a acreditar que não teria um Natal, que não lhe restaria outra solução senão a de regressar ao quarto em que vivia, e para lá ficar, deitado sobre a cama, contando as tábuas do tecto, ou talvez mesmo a chorar.

Cansado, encostou-se a uma pequena montra, mal iluminada e mal fornecida. Um letreiro pouco atraente anunciava «Tudo Para O Natal»; e Custódio ficou-se a observar, desinteressadamente, as caixas de bolas coloridas, o fio prateado, a neve de vidro, as estrelas, e as lâmpadas, e as pinhas. Que loja insignificante, pensou. Ninguém aqui deve entrar. Depois, impulsionado por uma força estranha, inexplicável, empurrou a porta envidraçada e entrou.

Um homenzinho surgiu, acto contínuo, detrás do pequeno balcão, todo atenções e sorrisos e mesuras: — «Em que posso servi-lo, meu caro senhor?» Custódio olhou-o. Era um velhote simpático, de rosto miúdo, óculos de aros grossos, uma expressão bondosa, ou maliciosa, no rosto pergaminhado.

Por um momento, Custódio não soube que dizer. O velhote aproveitou a hesitação para enumerar os produtos que podia vender-lhe, e o preço deste, e o daquele, e o daqueloutro. Custódio ouvia, sem fixar, a corrente de palavras, sentindo aumentar o seu acanhamento, e uma vermelhidão quente subir-lhe ao rosto. Mas, como o outro o fitasse sem demonstrar impaciência ou aborrecimento, encheu-se de coragem, e conseguiu balbuciar, numa voz que mal se ouvia: — «Eu queria comprar o Natal...»

O homenzinho pareceu surpreso: — «O Natal?» — perguntou. Custódio fez sinal afirmativo: — «Sim, o Natal» confirmou. E, como o outro não parecesse compreender, explicou: — «O Natal com um madeiro na lareira, e crianças a cantar, e canecas cheias de verdes espigas... O Natal com família, com amizade, com calor...»

O homem abanou a cabeça, lentamente: — «Não, meu amigo. Para comprar o Natal não há dinheiro que chegue». E como Custódio, num gesto instintivo, puxasse da carteira: — «Nem todo o dinheiro do mundo, meu amigo.»

Custódio repôs tristemente a carteira no bolso, e baixou a cabeça, desanimado. «Bem me queria parecer» — disse, suspirando. E, depois, num desabafo: «Ah, quem me mandou sair da minha terra!»

Mas já o homenzinho lhe pousava a mão no ombro, uma pequena mão, de dedos nervosos e firmes, e prosseguia — «O Natal não se vende, não se compra.» Depois, dirigiu-se à porta envidraçada, fechou-a à chave, e voltou para junto de Custódio: — «Mas não vou deixar mal o meu primeiro e único cliente de hoje. A família está lá dentro, à minha espera. Venha, meu amigo.»

Custódio olhou-o, apático, sem entender. Mas o outro insistia: — «Venha, meu amigo. Terá o seu Natal.»

E, sentindo um soluço subir-lhe à garganta, e nos olhos assomarem lágrimas de felicidade, Custódio foi.

Botelho da Silva

In Jornal de Turismo, n.º 29

Campeonato Nacional da I Divisão

Arquivo da Prova

MAIS uma jornada que se completou — a décima —, proporcionando alguns desfechos que nem os mais ousados ousariam vaticinar.

No caso indicado, situaremos, antes de tudo, a goleada que o Belenenses sofreu nas Antas, uma goleada a credenciar, ainda de forma mais positiva, o excelente momento do Futebol Clube do Porto.

Depois, a grande sensação de domingo passado ocorreu em Aveiro, onde o Beira-Mar cedeu um empate ao Sporting da Covilhã. Bom resultado para os serranos, que foram os únicos visitantes — nos três embates entre os seis últimos — a conseguir modificar a anterior pontuação.

E assim é que, nos postos que determinam aflição, temos os mesmos clubes — na seguinte ordem ascendente: Salgueiros, como novo e isolado «lanterna vermelha», com 6 pontos; Beira-Mar, Leixões, Guimarães e Covilhã, todos com 7 pontos; e Académica, com 8 pontos.

Nos restantes prélios, houve perfeita naturalidade quanto aos triunfadores. Uma palavra apenas para referir que os campeões europeus conseguiram tornear o obstáculo da deslocação ao Barreiro — pelo que não devem menosprezar-se as possibilidades dos benfiquistas revalidarem o título...

Resultados gerais:

Porto, 5 — Belenenses, 0
Atlético, 1 — Lusitano, 0
C. U. F., 1 — Benfica, 3
Guimarães, 3 — Académica, 0
Beira-Mar, 1 — Covilhã, 1
Sporting, 4 — Olhanense, 1
Leixões, 5 — Salgueiros, 0

AMANHÃ realiza-se nova jornada, que engloba uma série de desafios de grande interesse, mormente para os aveirenses, que se deslocam a Coimbra. É a seguinte a ordem marcada pelo calendário;

Porto-Atlético, Lusitano-C.U.F. Benfica-Guimarães. Académica-Beira-Mar, Covilhã-Sporting, Olhanense-Leixões e Belenenses-Salgueiros.

DEPOIS da décima ronda, as equipas ficaram assim escalonadas na tabela da classificação geral:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sporting	10	7	3	—	25- 5	17
Porto	10	6	3	1	16- 5	15
Benfica	10	5	3	2	22-12	13
Atlético	10	6	1	3	20-11	13
Belenenses	10	4	3	3	21-16	11
C. U. F.	10	5	1	4	15-13	11
Lusitano	10	4	1	5	15-12	9
Olhanense	10	3	3	4	13-16	9
Académica	10	4	—	6	10-20	8
Covilhã	10	2	3	5	10-14	7
Guimarães	10	3	1	6	15-17	7
Leixões	10	3	1	6	18-27	7
Beira-Mar	10	2	3	5	15-25	7
Salgueiros	10	2	2	6	8-25	6

Associação Académica de Coimbra

o próximo adversário do

BEIRA-MAR

Todos estavam ao corrente das dificuldades que rodeavam o encontro com o Covilhã. No entanto, tinham-se anunciado modificações na equipa beiramarense, e a esperança nasceu a par da expectativa. Não foi feliz a equipa aveirense na concretização de alguns lances de golo feito, e o esforço individual da maior parte dos seus atletas não chegou para alcançar a desejada vitória. Como futebol não se saiu da mediocridade. A equipa aveirense, faltou um homem a meio-campo que ajudasse Azevedo na transposição do jogo.

No próximo domingo, os aveirenses terão como adversários a «briosa» Académica de Coimbra. Os estudantes atravessam um mau período, e não contam de momento com o seu melhor. O encontro aparenta-se de muita responsabilidade para as duas equipas, ambas necessitando duma vitória que marque um princípio de recuperação. A responsabilidade é maior para os estudantes, que actuam no seu ambiente. Para o Beira-Mar, um ponto que conquistasse em Coimbra seria magnífico, e esse resultado está dentro das possibilidades da equipa. O ataque académico vive muito das actuações de Rocha, e quando uma defesa consegue anular a sua influência na manobra da equipa, tem todas as possibilidades de conseguir um resultado que lhe

Continua na página 15

JOGO FRIO... COM UM DESFECHO ARRELIADOR...

BEIRA-MAR, 1 COVILHÃ, 1

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Francisco Guerra, coadjuvado pelos srs. Manuel Teixeira (bancada) e Marques da Silva (peão) — todos da Comissão Distrital do Porto.

BEIRA-MAR — Bastos (Violas, a partir dos 12m.); Valente. Evaristo e Moreira; Amândio e Jurado; Miguel, Azevedo, Diego, Garcia e Chaves.

COVILHÃ — Rita; Lourenço, Cavém e Couceiro; Lázinha e Carlos Alberto; Palmeiro Antunes, Joab, Adventino, Chacho e Manteigueiro.

●

Aos 7 m., num oportuno lançamento para a sua zona, Chaves progrediu e centrou a bola, que DIEGO captou e conseguiu colar às malhas. O «bandeirinha» do lado da bancada assinalara — e pareceu-nos que com inteira razão — impedimento do dianteiro aveirense; mas o árbitro, dentro do lance, não considerou a informação do seu auxiliar.

Aos 40 m., a concluir um centro de Palmeiro Antunes, ADVENTINO estabeleceu um empate que não viria a ser modificado. Falhando o remate na primeira tentativa, o avançado serrano conseguiu emendar o seu erro, com imensa felicidade — já que acertou em cheio no alvo que desejava, batendo Violas sem remissão.

●

O guarda-redes Bastos, num choque com Joab, aos 8 m., lesionou-se, tal como o brasileiro que representa o Covilhã. Ambos foram socorridos e ambos ficaram nos seus postos. Mas, minutos volvidos, e depois de duas intervenções quase seguidas, Bastos ressentiu-se e teve de sair do campo.

Aos 46 m., o Covilhã ficou sem o concurso de Adventino, expulso por jogo perigoso sobre Violas.

O segundo *keeper* dos beiramarenses foi atingido na cabeça — involuntàriamente, acentue-se — e o choque provocou-lhe um estado de amnésia que se prolongou para além do termo da partida.

●

O jogo — tècnicamente e emocionalmente — foi pobre e falho de motivos de interesse.

Foi um jogo frio... que terminou com um arreliador empate para os aveirenses, enquanto a equipa da Serra da Estrela se satisfez plenamente com ele — pois representa a conquista de um precioso ponto na luta pela fuga aos últimos postos da tabela.

●

No começo, o Beira-Mar deu a ideia de que podia resolver fàcilmente o jogo a seu favor.

Porém, passado o rompante inicial, os beiramarenses deixaram-se arrastar pela toada lenta dos serranos — imposta com o evidente propósito de fazer passar o tempo. Jogando muito para'o *keeper*, e sempre num sistema repousado e lúcido, os visitantes quebraram o ritmo dos negro-amarelos — que não souberam furtar-se à ardilosa teia fabricada pelos *leões da serra*, e passaram também a actuar com lentidão e sem grande decisão, sem alegria e sem aparente empenho em alterar o rumo dos acontecimentos.

●

Os dianteiros locais — em que se notou a falta do irrequieto Paulino, elemento em grande evidência nas anteriores jornadas — perturbaram-se claramente com o «ferrolho» que os covilhanenses utilizaram, com segurança e felicidade à mistura.

Daí, o seu malogro. Mas — e o facto é incontroverso — para além da pouca decisão dos aveirenses, motivo que determinou que os serranos chegassem, de comum, mais cedo aos lances, a verdade é que também estiveram imensamente

Continua na página 15

REGISTO

II Divisão Nacional

● Prosseguindo na sua excepcionalmente brilhante carreira, o grupo do Feirense alcançou mais um clamoroso êxito, vencendo o Boavista, no Porto. Assim, puderam os feirenses manter-se isolados no topo da tabela, com um ponto de vantagem sobre o segundo — o Marinhense, que ganhou nas Caldas da Rainha.

Notável, além dos triunfos que o *leader* e o *sub-leader* conseguiram fora de casa, foi a derrota do Sporting de Braga no terreno do lanterna vermelha, o Cernache, que obteve assim a segunda vitória.

A representação aveirense so-

Continua na página 15

O golo não surgiu!

As gravuras que publicamos documentam, exprssivamente, duas das maiores *perdidas* dos futebolistas do Beira-Mar: tanto no golpe de cabeça de Garcia (*ao alto*), como no remate de Chaves (*ao lado*), os beiramarenses tiveram grande azar — e o golo não surgiu! *Fotos de* **Abel Resende**

Campeonato Distrital da I Divisão

A undécima jornada ficou incompleta, em virtude ter sido adiado, por prévio acordo entre os contendores, o jogo Recreio-Galitos. Nos prélios realizados, são de notar-se os excelentes êxitos do Amoníaco sobre a Sanjoanense, em Estarreja, e do Sangalhos sobre o Illiabum, em Ílhavo. O Esgueira triunfou com naturalidade e, mercê dos desaires dos ilhavenses e dos sanjoanenses, situa-se agora em boa posição para se qualificar no terceiro posto e disputar o Campeonato Nacional da II Divisão.

Esgueira, 43 — Cucujães, 32

A'rbitros — Albano Baptista e Aureliano Silva.

ESGUEIRA — Revara 2-0, Raul 4-1, Armando Vinagre 5 4, Américo 2-11, César 8 4, João Calisto e Fernando Vinagre 2-0.

CUCUJÃES — Andrade, Costa 2 0, Jorge 1-0, José António 13-2, Pinto 2-8, Moutinho 0 4, Ramalhoso e Silvestre.

1.ª parte: 21-18. 2.ª parte: 22-14.

Os esgueirenses obtiveram 19 cestas de campo e converteram 5 lances livres em 16 tentativas. (31,25 %), sendo punidos com 12 faltas pessoais.

Os cucujanenses alcançaram 14 cestas de campo e transformaram 4 lances livres em 22 tentados (18,18 %), sendo castigados com 11 faltas pessoais.

Amoníaco, 32-Sanjoanense, 31

A'rbitros — Carlos Neiva e Manuel Arroja.

AMONÍACO — Necas 3-6, Ramos 3-0, Guilherme 2-2, Arlindo 2-7, Sousa 1-0 e Eng.º Drumond 0-6.

SANJOANENSE — Manuel Maria 3-3, Azevedo 2-2, Aureliano 0-2, Manuel Pinho 3-6, Edmundo 6-4 e Tavares.

1.ª parte: 11-14. 2.ª parte: 21-17.

Os estarrejenses conseguiram 13 cestas de campo e converteram 6 lances livres em 22 tentados (27,27 %), sendo castigados com 1 falta técnica e 10 faltas pessoais.

Os sanjoanenses obtiveram 13 cestas de campo e transformaram 5 lances livres em 8 tentados (62,5 %), sendo punidos com 13 faltas pessoais.

Continua na página 15

CONTINUAÇÕES DA PÁGINA ANTERIOR

REGISTO

mou: dois triunfos — Feirense e Sanjoanense; um empate — imprevisto do Espinho, ante o Peniche; e uma derrota — da Oliveirense, em Vila Real.

● Marcas da jornada:

Boavista, 0 — Feirense, 2
Espinho, 1 — Peniche, 1
Sanjoanense, 4 — Torriense, 1
Castelo Branco, 1 — Vianense, 0
Cernache, 1 — Braga, 0
Vila Real, 4 — Oliveirense, 1
Caldas, 1 — Marinhense, 2

● Mapa da classificação:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Feirense	10	7	1	2	29-12	15
Marinhense	10	6	2	2	19-10	14
Braga	10	5	2	3	17-11	12
Sanjoanense	10	6	—	4	20-16	12
Espinho	10	3	5	2	17-12	11
Boavista	10	4	3	3	13-12	11
Peniche	10	3	4	3	17-13	10
C Branco	10	4	2	4	12-18	10
Torriense	10	4	1	5	8-13	9
Oliveirense	10	4	1	5	11-16	9
Caldas	10	3	2	5	11-21	8
Vila Real	10	3	1	6	15-19	7
Vianense	10	2	3	5	10-15	7
Cernache	10	2	1	7	12-25	5

● *Jogos para amanhã*—Boavista — Espinho, Peniche — Sanjoanense, Torriense — Castelo Branco, Vianense — Cernache, Braga — Vila Real, Oliveirense — Caldas e Feirense — Marinhense.

Recheada de prélios de muito interesse, a jornada possui um jogo de grande sensação, a realizar na Vila da Feira, pois coloca frente a frente os dois grupos melhor classificados.

Provas Distritais

I Divisão

● A nota principal oferecida pela jornada de domingo reside no facto do Lusitânia, perdendo em Arrifana, ter sido alcançado pela Ovarense. E, note-se ainda, os comandantes encontram-se ameaçados de muito perto — tanto pelo Lamas, só com menos um ponto, como pelo Arrifanense, que soma menos dois pontos.

Um incidente deveras lamentável e condenável ficou também a assinalar a jornada: a agressão que, em Estarreja, foi cometida sobre o árbitro Manuel Pacheco, que dirigia o encontro Estarreja-Recreio de Águeda — prélio que, igualmente, deixou tristes recordações, pois o estarrejense Valdemar partiu uma perna.

● Resultados do dia:

Vista-Alegre, 0 — Ovarense, 3
Esmoriz, 2 — Cucujães, 0
Lamas, 7 — Cesarense, 0
Estarreja, 1 — Recreio, 5
Arrifanense, 3 — Lusitânia, 0

● Mapa da classificação:

	J.	V.	E	D.	Bolas	P.
Lusitânia . .	15	10	3	2	52 21	38
Ovarense . .	15	10	3	2	41-21	38
Lamas . . .	15	10	2	3	46-21	37
Arrifanense .	15	10	1	4	73-31	36
Recreio . . .	15	6	3	6	35-28	30
Cucujães . .	15	5	3	7	23-32	28
Esmoriz . . .	15	5	2	8	20-45	27
Vista-Alegre	15	3	2	10	27-43	23
Estarreja . .	15	4	-	11	13-55	23
Cesarense .	15	1	3	11	8-41	20

● Jogos para amanhã — *Ovarense — Arrifanense (5-4), Cucujães — Vista-Alegre (0-0), Cesarense — Esmoriz (1-3), Recreio — Lamas (2-3) e Lusitânia — Estarreja (4-2).*

Reservas

● Marcas obtidas:

Vista-Alegre, 1 — Ovarense, 5
Arrifanense, 2 — Lusitânia, 1
Espinho, 3 — Beira-Mar, 2
Sanjoanense, 4 — Feirense, 1

No penúltimo domingo, não se realizou a partida *Oliveirense — Espinho*, marcado para Oliveira de Azeméis no aludido dia. A Associação de Futebol de Aveiro puniu os oliveirenses com falta de comparência e atribuiu aos espinhenses os pontos correspondentes à vitória, depois de ter apreciado os motivos que determinaram a não realização do referido jogo.

● Tabelas classificativas:

Série A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Lamas	10	5	2	3	23-17	22
Ovarense. . .	8	5	1	2	26- 9	19
Cucujães. . .	7	4	-	3	17-17	15
Arrifanense. .	8	2	3	3	9-19	15
Lusitânia* . .	8	3	1	4	15-12	14
Vista-Alegre .	9	1	3	5	5-22	14

* *Tem uma falta de comparência*

Série B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Alba.	9	4	2	3	24-24	19
Feirense. . .	8	4	2	2	18-17	18
Oliveirense* .	8	4	-	4	22-12	15
Beira-Mar . .	7	2	2	3	16-15	13
Sanjoanense .	7	3	-	4	12-15	13
Espinho . . .	7	2	2	3	7-14	13

* *Tem uma falta de comparência*

● Jogos para amanhã — *Ovarense — Arrifanense, Cucujães — Vista-Alegre, Feirense — Oliveirense e Alba — Espinho.*

Juniores

● Resultados do dia:

Arrifanense, 1 — Sanjoanense, 4
Espinho, 0 — Oliveirense, 2
Ovarense, 2 — Estarreja, 0
Beira-Mar, 5 — Recreio, 2

Caminhos do Basquetebol

por JOAQUIM DUARTE

Propusemo-nos tratar, nestas colunas, de assuntos referentes a interpretações das Regras, no intuito de contribuir para a melhoria do nível da modalidade, e, consequentemente do aperfeiçoamento do jogo. Hoje, porém, e embora se trate dum dos elementos preponderantes do Basquetebol, vamos fugir um pouco ao espírito que norteou estas considerações, ocupando-nos do papel do orientador.

Para dirigir uma equipa de basquetebol, são necessários vários atributos, entre os quais, ponderação e discernimento, além dos indispensáveis conhecimentos técnico-tácticos. Sabe-se que no Basquetebol tudo se passa ràpidamente, quase sem tempo para corrigir posições que possam contrariar ou impor uma mudança de jogo. A rapidez dos lances nem sempre permite ao orientador modificar ou atenuar, com presteza, o rendimento do «cinco». Isto, evidentemente, se o responsável sabe estar sereno como convém; caso contrário, o orientador deixará de ser a pessoa indicada para desempenhar as funções, porque não terá a serenidade indispensável e exigível. Trata-se, como se vê, dum lugar que requere muito estudo e auto-domínio, sem o que nada feito. A propósito, lembramo-nos dum caso, porque dum caso se trata, do orientador do Illiabum Clube. Rapaz educado, conhecedor, já com vários anos de Basquetebol, viu-se privado de orientar a sua equipa, porque, num momento de exaltação, teria proferido palavras desagradáveis ao trabalho dum árbitro, não discutimos se com razão ou sem ela. O que sabemos é que o «Zé» Ançã, um moço amigo do seu amigo, com quem convivemos dois anos, lado a lado, no banco dos suplentes, perdeu a serenidade que, no momento próprio, tem de estar sempre presente em quem desempenha a ingrata missão de treinar e orientar.

O caso do treinador do Illiabum, rapaz culto e educado, repetimos, ilustra bem o que dizemos sobre a necessidade de se manter bem presente, em todas as emergências, a ponderação que o lugar exige.

Tudo o mais tem de ser relegado para plano inferior; e, a bem da modalidade, que não pode prescindir das poucas dedicações que actualmente a servem.

Académica — Beira-Mar

sirva. Podem residir aí muitas das esperanças beiramarenses.

★

Não ouvimos, no sábado passado, o sr. Artur Baeta falar, no seu programa no Rádio Clube Português, sobre o nosso comentário que antecedeu o encontro Beira-Mar-Salgueiros; mas, pelo que nos contaram, parece-nos que aquele sr. considerou um «abuso de Imprensa» referirmo-nos à possibilidade do Salgueiros actuar em Aveiro com o «ferrolho defensivo».

O caso nem nos aquecia nem nos arrefecia, se não fosse o facto, o infeliz facto, do sr. Baeta invocar o nome do Director do «Litoral» e a independência do jornal. Esse atrevimento é que lamentamos. A independência do jornal está, para além dos princípios, na honestidade não só do seu Director como na das pessoas que nele desinteressadamente trabalham e dão o seu labor, o melhor que podem e sabem. O jornal é para servir e não para servir-nos, e nem tudo, sr. Artur Baeta, são pontapés na bola. Um Director dum jornal tem, por força, de estar muito acima de «ferrolhos» e «off-sides»!...

Previmos que o Salgueiros jogaria, provàvelmente, em «ferrolho». Não jogaram os salgueiristas nesse sistema; e com isso nos congratulamos. Mas, ao prevermos o cansado «ferrolho», tínhamos na lembrança, entre muitos, os encontros Benfica-Covilhã, na Luz, Porto-Covilhã, nas Antas, Belenenses-Guimarães, no Restelo, Belenenses-Beira-Mar, também no Restelo, e ainda o último Porto-Salgueiros, nas Antas, que teve a acusação pública de alguma Imprensa nortenha e de muitos jogadores portistas. A nossa previsão era um aviso ao grupo que honestamente defendemos e cujas cores nunca negamos.

É por isso que nos regozijámos por não ter acontecido tal como previramos; mas como de previsão se tratava, e como somos contra o sistema, que prejudica e espectáculo, nada alteramos ao que foi dito, muito embora o facto possa pesar ao sr. Artur Baeta e ao seu amigo do Pejão (se não estamos em erro) que lhe fez chegar às mãos o nosso escrito.

F. E. Dias

Beira-Mar, 5 — Recreio, 2

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Ribeiro Freire, coadjuvado pelos *bandeirinhas* srs. Canelas Correia (bancada) e Eugénio Azevedo (peão).

BEIRA-MAR — Artur; Albino e Alfarelos (Martinho); Lemos, Virgílio e Arménio (Alfarelos); Barreto, Alfredo, Jacinto, Santos e Vítor.

RECREIO — França; Delfim e Arménio; Toural, Jorge e David; Rui Manuel, Rui Anjos, Carlos Alberto, Faria e Mendes.

Marcha do marcador: 1-0, por *Alfredo*, aos 8 m.; 2 0, por *Barreto*, aos 10 m.; e 2-1, por *Faria*, aos 12 m. — no primeiro tempo. 5-1, por *Santos*, aos 7 m.; 4-1, por *Alfredo*, aos 9 m.; 4-2, por *Faria*, aos 24 m.; e 5 2, por *Vítor*, aos 37 m. — na segunda parte.

A partida foi interessante e muito agradável. Mais esclarecidos e dominadores, os beiramarenses ganharam justamente a um opositor que dispõe de um onze aguerrido e de forte compleição atlética.

De notar, até, que os aguedenses lograram certo ascendente técnico na meia-hora final do primeiro período...

A arbitragem foi em excesso modesta, complicativa e incerta.

● Classificações:

Série A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	7	5	—	2	21-9	17
Sanjoanense	6	5	—	1	21-6	16
Feirense	6	3	1	2	13-14	13
Arrifanense	7	1	1	5	9-23	10
Espinho	6	—	2	4	6-18	8

Série B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Recreio	7	5	—	2	10-7	17
Beira-Mar	6	5	—	1	16-4	16
Anadia	6	4	—	2	11-4	14
Ovarense	7	2	—	5	3-11	11
Estarreja*	6	—	—	6	1-15	5

* *Tem uma falta de comparência*

● Jogos para amanhã — *Feirense Arrifanense, Sanjoanense — Espinho, Anadia — Ovarense e Estarreja — Beira-Mar.*

Basquetebol

Illiabum, 33 — Sangalhos, 50

A'rbitros — Albano Baptista e Manuel Bastos.

ILLIABUM — Vinagre 2-2, Novo, Cachim 2-2, Elmano 9-7, Coelho 0-1, Narsinto 0-2, Neves, Júlio Matias 2-2, Pessoa 2 0 e Carvalho.

SANGALHOS — Feliciano 2-0, Amândio 4-1, Alberto 8 5, Valdemar 12 9, Rosa Novo 5-4, Farate, Calvo e Afonso.

1.ª parte: 17-31. 2.ª parte: 16-19.

Os ilhavenses obtiveram 12 cestas de campo e transformaram 9 lances livres em 26 tentados (34 61 %), sendo punidos com 17 faltas pessoais.

Os sangalhenses conquistaram 21 cestas de campo e converteram 8 lances livres em 14 tentativas (57,14 %), sendo castigados em 15 faltas pessoais.

★ Classificação actual:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Sangalhos	11	9	2	530 387	29
Galitos	10	8	2	462 313	26
Esgueira	11	7	4	394-384	25
Sanjoanense	11	5	6	442-425	21
Amoníaco	11	5	3	309-384	21
Illiabum	11	4	7	310-424	19
Cucujães	11	3	8	3 5 450	17
Recreio	10	2	8	255 367	14

★ A próxima jornada: Galitos-Amoníaco (35 21), Sangalhos-Recreio (30 19), Cucujães-Illiabum (19 36) e Sanjoanense-Esgueira (38-39).

Beira-Mar Covilhã

infelizes a concluir os avançados de Aveiro.

O guardião Rita teve demasiada sorte em inúmeros lances, pois teria sido inapelàvelmente vencido se com os aveirenses não tivesse andado sempre grande *mala-pata* na finalização. O maior quinhão de azar esteve com Garcia; mas também com todos os seus colegas, nomeadamente com Chaves, quando, aos 67 m., depois de se ter isolado, rematou contra os pés do *keeper* serrano, que se encontrava em desiquilíbrio...

●

O jogo joi sempre correcto; e pena foi que Adventino tivesse dado aso à sua expulsão, com uma série de entradas rudes em excesso.

A turma de Aveiro, não atingiu nível de agrado, apesar do esforço desenvolvido e da vontade evidenciada por todos os seus componentes, em certas fases do desafio — particularmente à medida que o final se aproximava.

O sector mais certo foi o defensivo, com relevo para Moreira.

Depois, destacaram-se o médio Amândio, sempre esclarecido. Na frente, Diego foi o mais positivo, acompanhado por Azevedo, que actuou recuado, em jeito de orientador.

No Covilhã, quase se não deu pela falta do elemento expulso... Làzinha, Rita, Palmeiro Antunes, Manteigueiro e Carlos Alberto salientaram se num onze desfalcado — mas que nunca enjeitou ensejos para contra-atacar. . E o certo é que o grupo conseguiu mesmo ganhar numerosos *corners*: exactamente, nove!

●

O árbitro esteve certo.

NATAL TRISTE...

Desenho de **ZÉ PENICHEIRO**

Natal

Naquele tempo publicou-se um édito de César Augusto, ordenando que se fizesse um recenceamento dos habitantes de toda a terra.

Este recenseamento foi feito antes de Quirino ser governador da Síria.

E todos partiram para serem recenseados, cada um na sua cidade.

Também José subiu da Galileia à Judeia, isto é, da cidade de Nazareth à cidade de David, chamada Bethlem — porque ele era da casa da família de David — para ser registado com Maria, sua esposa, que ia ser mãe.

E quando eles se encontravam ali, o tempo do parto chegou.

Ela deu ao mundo o seu filho primogénito, e ela o enfaixou e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

Ora havia na região pastores que dormiam nos campos e que aí guardavam os seus rebanhos durante as veladuras da noite.

E, de repente, um anjo do Senhor apresentou-se-lhes e a glória do Senhor resplandeceu em torno deles, que foram acometidos de grande medo.

Então o anjo disse-lhes: — *Não tenhais medo. Eu venho anunciar-vos uma grande alegria, que o será também para todo o povo. É que hoje, na cidade de David, o Salvador, que é o Cristo, nascido é. E vós reconhecê-lo-eis por isto: encontrareis o menino enfaixado e deitado numa manjedoura.*

DO EVANGELHO DE S. LUCAS

Noite de Natal

POR BOTELHO DA SILVA

CUSTÓDIO meteu-se no fato domingueiro, e espetou um lenço branco no casaco, florescência imaculada a traduzir a boa disposição que lhe bailava no peito. Era o seu primeiro Natal na cidade e, caramba, estava resolvido a aproveitá-lo.

Foi todo ancho da figura que botava, e da carteira bem fornida mesmo sobre o coração, que o moço deixou o quarto em que vivia — trezentos escudos por mês, que era um dó de alma — e pisou a calçada íngreme, no passo firme de filho do campo, que a cidade não vergou nem vergará ao deambular doentio dos citadinos.

Não sabia bem aonde ir, o que fazer. Mas a proximidade do Natal alargava-lhe as narinas num frémito de antecipação, e o coração batia-lhe mais forte. Lembrava a mãe, os irmãos, a casa pobre, a noite imensa. Lembrava o madeiro ardendo lentamente, e a doce emoção a lentamente perpassar por todos, naquela maravilhosa festa da família.

Não ouvira dos seus desde que um dia abalara, a instâncias do primo Zé. Fora ele quem lhe despertara a gula por essa cidade que milhares de lâmpadas iluminam durante a noite, por essa cidade onde há teatros, e automóveis, e camionetas de dois andares, e prédios de casas que de olhá-los ao alto um homem se sente um verme.

E Custódio viera, para ganhar dinheiro, sim, mas principalmente para fugir àquela miséria da courela exígua, da terra madrasta, do pão com sardinha. O primo Zé dera-lhe emprego ha loja, e pagava-lhe um ordenado bom, que assim até dava gosto trabalhar. E se por vezes sentia ganas de se apanhar num campo descoberto, o sol pela frente, a enxada na mão, o suor a escorrer-lhe espinhaço abaixo, isso passava logo. O ruído da cidade entontecia-o, embriagava-o, como caneca de vinho após caneca de vinho, numa das tardes de feira.

Agora, véspera de Natal, a modos que renascia nele uma alegre nostalgia do lar — alegre, sim. O primo Zé partira, deixara tudo nas mãos dele — «olha, governa-te» dissera — e fora para junto dos seus. Custódio mandara um abraço uma «lembrança» para a mãe, saudades aos irmãos, recomendações aos vizinhos, e ficara só, pela primeira vez só, na cidade imensa, que julgava conhecer mas não conhecia, que julgava possuir, mas os seus braços eram pequenos para poder abarcar.

Continua na página 13

HÁ SETE SÉCULOS COMO NASCEU O PRESÉPIO

POR GUEDES DE AMORIM

QUEREM saber como começou o culto do Presépio? Façam então comigo uma escalada de sete séculos...

Estamos, justamente, em Itália, no mês de Dezembro de 1 223, na estrada que sobe de Roma para a Umbria. Faz um temporal desfeito. Dois Frades Menores, com os pés na lama, encharcados que nem pintos, caminham apressadamente. Chama-se um deles Francisco, e, na sua cidade, Assis, fundou há treze anos, uma ordem religiosa que está a revolucionar, em consciência religiosa e grandeza humana, o Mundo. Angelo, o companheiro, que é mais novo, pergunta:

— Para onde vamos?

— Para Gréccio.

— Mas, Gréccio não é muito longe?

— Sim, Irmão, é longe, mas verá que valeu a pena a jornada por estar ruim tempo...

Francisco sonhou o mais belo poema representativo do seu incomparável apostolado. Outro, que ao sopro de irreprimível, sublime inspiração, mandará escrever, dentro de um ano, poderá excedê-lo em música vibrante, numa dominadora sugestão de panoramas e vidas universais, todas saidas das mesmas divinas mãos; porém, não poderá igualá-lo na impressionante originalidade e no significado cristão.

Anuncia o Apóstolo, já noite fechada: — Dentro de uma hora, estaremos chegados. Responde frei Angelo, moído e encharcado: — Oxalá!

Foi longa, torturante, a caminhada de Roma até ali. Fustigados pelo álgido temporal, pés nos charcos ou na lama da estrada, pingando água e batendo o dente, meteram por fim à serra, rasgando o hábito e as canelas, até que chegaram à pequena cidade protegida pelo já velho castelo. Francisco consagra especial afeição a Gréccio. «Aqui costuma ele dizer — a sementeira produziu o cêntuplo do grão». Tinham-se convertido, em Gréccio, realmente, logo às primeiras missões dos Menores, mais almas do que em qualquer outra parte.

Com a noite, a chuva escampou, porém o frio continuava a apertar. Gente do povo e gente de algo, vendo passar os Franciscanos, chama-os para o conforto do brasume. Sem estacar, o mestre agradece e saúda: «Boa noite, boa gente».

Leva destino. Pouco depois bate à porta de João de Vellita, que fora rico de haveres, e, depois de distribuí-los pelos pobres, como Ter-

Continua na página 5

EM TERRAS DA ÍNDIA PORTUGUESA, Helder Bandarra — um aveirense que, na trágica emergência que traz angustiado o coração dos Portugueses, por lá se encontra, envergando orgulhosamente a farda de soldado de Portugal — surpreendeu, com seu traço vivo de artista, uma festa religiosa do povo hindu em adoração a uma árvore sagrada. É este um expressivo documento duma pacífica convivência plurirracial de que os Portugueses são, no Mundo, raro e nobilíssimo exemplo.

Litoral

AVEIRO

23 de Dezembro de 1961

ANO OITAVO

NÚMERO 374

AVENÇA